

---

- LITERATURA BRASILEIRA I

Coordenador(a): *Adilson dos Santos*

---

**"OS TRÊS HOMENS E O BOI DOS TRÊS HOMENS QUE INVENTARAM UM BOI": UM CONTO METALINGÜÍSTICO**

*Adilson dos Santos (UEL)*

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma leitura de "Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi", conto presente em *Tutaméia - Terceiras Estórias* (1967), de João Guimarães Rosa (1908-1967). A análise procurará discutir o caráter metalingüístico do conto. Trata-se de uma narrativa cuja narração é efetivada por um narrador anônimo que se mostra despreocupado com a veracidade dos fatos que está a relatar a um narratário, igualmente não nomeado, e que lhe faz companhia. Assim que se depara com o primeiro parágrafo da narrativa, a impressão que o leitor tem é que este interlocutor, expressamente invocado, será o responsável por transferir para a forma escrita o universo que será dado a conhecer. Um dia, num momento de descontração, três vaqueiros inventam um boi dotado de características fantásticas. Aos poucos, a figura criada torna-se real, corporifica-se, e passa a agir em suas vidas. Embora não

mais mencionem a estória do boi, ela sobrevive e se desprende do domínio de seus criadores. Como um texto literário de natureza oral, a estória, agora presente na memória coletiva, desenvolve-se de modo irreversível e, a cada nova realização, sofre acréscimos, transformando-se, vários anos depois, na lenda do Boi Mongoavo, "o que nascido de chifres dourados ou transparentes, redondo o berro, a cor de cavalo". Em "Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi", a estória se constrói aos olhos do leitor. Na realidade, o que se narra é a estória da estória, da ficção.

### **A POESIA DE GUIMARÃES ROSA EM AVE, PALAVRA**

*Érica Alves Rossi (UNESP)*

O trabalho tem, como objeto de estudo, as poesias de João Guimarães Rosa publicadas em seu livro de gênero híbrido, *Ave, palavra* (1970). Como se pode observar na publicação desses poemas, lançados anteriormente no jornal *O Globo*, eles estão agrupados por pseudônimos criados pelo artista, todos anagramas de seu nome. Embora não cheguem a se constituir como heterônimos, Guimarães Rosa os apresenta com características que prenunciam caminhos distintos quanto à criação das poesias. O referido trabalho analisa duas dessas criações poéticas, *Teorema* e *A espantada estória*, ressaltando as diferentes formas expressivas das quais se valeu o escritor na sua produção poética. Em *Teorema*, o autor tende a um certo rigor formal em sua elaboração, buscando, como o título sugere, enredar as idéias para a construção de um conceito. Já em *A espantada estória*, o poeta explora a linguagem fragmentada, a figura hermeticamente construída, as idéias paradoxais com um tom bastante subjetivo e conflitante. Para a análise desses poemas, a pesquisa apóia-se em ensaios críticos sobre a produção rosiana - especialmente naqueles centrados em suas poesias - em proposições teóricas a respeito da linguagem poética, como as de Roman Jakobson (1970), e também em estudos teóricos que estabelecem a distinção entre poesia lírica e poema em prosa, como os ensaios de Emil Staiger (1969) e Jean Cohen (1966, 1987), já que poema em prosa é recurso recorrente na obra analisada.

### **ALETRIA E HERMENÊUTICA: DO RISO AO SUBLIME**

*Tadeu Jordão Fernandes Giovannetti (UEL)*

Em "*Aletria e Hermenêutica*", primeiro dos quatro prefácios presentes em *Tutaméia* (*Terceiras Estórias*) (1967), João Guimarães Rosa (1908-1967) realiza uma insólita e bem humorada teorização das anedotas, dedicando-se, em especial, às que batiza como "anedotas de abstração". Seriam estas, segundo o escritor, as capazes de proporcionarem-nos um vislumbre do grande mistério da existência, entre outras coisas, pelo fato de carregarem em suas microestruturas forte carga de não-senso, de alogicidade, chocando-se, desta forma, com a superficialidade do senso-comum e da linguagem fossilizada do cotidiano, tão combatida e evitada por Guimarães Rosa. O que se propõe investigar neste trabalho são as ligações desta teorização com alguns elementos mais característicos dos contos de *Tutaméia*, como o humor, a súbita revelação que aparentemente surge do nada para algumas personagens, a fê que se aproxima de um pensamento mágico e transcendente. Buscar-se-á relacionar este caráter sublime que o autor identifica no riso e na anedota com o conteúdo de alguns contos que vêm logo após este prefácio.

### **NARRADOR PRESENTE EM 'SOTA E BARLA'**

*Adelaide Caramuru César (UEL)*

Em *Tutaméia* (*Terceiras Estórias*) (1967), de João Guimarães Rosa (1908-1967), depara-se o leitor com sete contos cujos narradores contam estórias nas quais atuaram como protagonistas

("Antiperipléia", "Curtamão", "Esses Lopes", "Rebimba, o bom", "Se eu seria personagem", "Tapiiraiauara", " - Uai, eu?"); um conto também escrito em primeira pessoa, porém no qual o narrador não é o personagem principal, fazendo-se apenas presente entre dois protagonistas que se deflagram ("O outro ou o outro"). Há, no entanto, quatro outros contos nos quais o narrador em primeira pessoa e em terceira pessoa como que se mesclam ("Lá, nas campinas", "Merlim-Meloso", "Quadrinho de estória", "Sota e Barla"), dificultando a apreensão da voz ou das vozes narrativas. Objetiva-se nesta comunicação o estudo do narrador presente em "Sota e Barla", levando-se em consideração a duplicidade de vozes narrativas, ou seja, objetiva-se detectar no conto, predominantemente efetivado em terceira pessoa, a presença subliminar da primeira a intrometer-se nos fatos relatados de maneira a procurar explicar e compreender o narrado. Para dar conta desta tarefa, procura-se detectar na narrativa predominantemente em terceira pessoa a presença inquietante da primeira pessoa a querer intrometer-se no que é narrado. Espera-se poder contribuir com os estudos acerca dos narradores presentes em contos de João Guimarães Rosa.

### **O GROTESCO EM "ZINGARÊSCA", DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

*Iris Cristina Nishitani de Oliveira Pires (UEL)*

Segundo Wolfgang Kayser, em *O Grotesco* (1957), a essência do grotesco é o mundo alheado, é o familiar e conhecido que se revela estranho e sinistro. O assombro e a estranheza são suscitados diante de um mundo no qual a segurança é apenas aparente e as ordenações são aniquiladas. Mikhail Bakhtin (1895-1975), por sua vez, comenta na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* que a verdadeira natureza do grotesco é inseparável do mundo da cultura cômica popular e da visão carnavalesca do mundo. Para o teórico russo, o mundo torna-se estranho porque se revela a possibilidade de um mundo verdadeiro em si mesmo, um mundo da verdade carnavalesca. Nesta concepção, o grotesco está impregnado da alegria originada pelas transformações, pela liberação temporária da verdade e pela abolição provisória de relações hierárquicas, características do contexto carnavalesco. Em "ZingarêscA", último conto de *Tutaméia - Terceiras Estórias* (1967), de João Guimarães Rosa (1908-1967), o leitor se depara com uma festa cigana que detona a desordem no sítio do personagem Zepaz. Em torno dos zingáros, reúnem-se personagens inéditos e de outros contos de *Tutaméia*, constituindo um espetáculo absurdo no qual a sedução cigana consegue atingir desde um padre até uma mulher casada e despertar a ira e o desprezo dos convencionais. Este trabalho pretende uma leitura do citado conto, buscando evidenciar as características do grotesco que tornam o mundo de Zepaz, um mundo estranhado que já não permite uma orientação - conforme teoria discutida por Kayser. Pretende ainda mostrar que o grotesco se faz presente na eliminação de censuras ocasionada pela festa carnavalesca dos zingáros, originando, assim, a dissolução do que é considerado ordenado, a desconstrução do convencional.

### **O JOGO ESPECULAR DA ENUNCIÇÃO EM "CARA-DE-BRONZE"**

*Larissa Thomaz Corá (UNESP)*

"Cara-de-Bronze", um dos textos mais enigmáticos de Guimarães Rosa, configura-se de modo a apontar para a teia de significações que se tece entre o ato de enunciação e o enunciado; ou seja, entre as sugestões do dizer e a materialização do dito no discurso. Tal intervalo é latente no texto em questão. Ao longo da narrativa, por meio das vozes concedidas aos personagens (que dialogam), em tensão com a voz do narrador (que conta a "estória"), percebe-se um jogo especular entre as categorias do arqui-enunciador e do narrador e, ainda, dessas com o narratário. Ou melhor, arqui-enunciador, narrador, personagens e leitor se inter-relacionam em um imbricado jogo de imagens no processo gerador das isotopias, cujos percursos engendram a tessitura da obra. Desdobrados, assim, arqui-enunciador em personagem (Moimeichego), narrador em perso-

nagem (Velho), e personagem (Grivo) em leitor, tais figuras refletem processos de busca, cada qual em seu nível, que por sua vez produzem um outro processo, agora de refração: o do próprio fazer do texto enquanto viagem-busca de possíveis questionamentos, saberes ou "esclarecimentos"; enfim, enquanto busca estética de percepções possíveis.

### **O VERBO CIFRADO DE ROSA: INVESTIGAÇÃO METALINGÜÍSTICA RESPEITO DE REMINISÇÃO**

*Ygor Raduy (UEL)*

A proposta deste estudo é efetivar análise do conto "Reminiscção" de João Guimarães Rosa, presente no volume Tutaméia - terceiras estórias (1967). Trata-se de curiosa estória de amor e morte entre um paciente sapateiro (Romão) e uma megera consumada (Drá), caracterizada como feia e odiosa. No desfecho epifânico, Drá reveste-se de insuspeitada beleza aos olhos do amante moribundo, transmutando-se em Nhemaria. Última publicação organizada por Rosa, Tutaméia caracteriza-se pelo seu teor testamental. Com pericia de gênio em plena maturidade, Rosa deixa entrever os mistérios de seu processo criador, habilmente cifrados em condensadíssimos quarenta contos, dois índices e quatro enigmáticos prefácios, entremeados às estórias. Inserto nesse panorama, "Reminiscção" ocupa lugar de destaque: trata-se de um dos três contos que interrompem a ordem alfabética do primeiro índice para formar a sigla JGR - iniciais do autor. Baseados no pressuposto teórico de que a narrativa em questão condensa metalingüisticamente aspectos basilares da arte rosiana, aventamos a pertinência de um estudo que busque relacionar a matéria do conto com as diretrizes da ars poetica do escritor mineiro. Colocamos a seguinte indagação: de que forma Rosa plasma seu credo artístico na matéria narrada e de que forma isso interfere na estrutura interna do texto? Interessa-nos sobretudo avaliar em que medida "Reminiscção" caracteriza-se como meta-texto; ou ainda, em que medida o texto volta-se sobre si mesmo e reflete em seu próprio mecanismo poético as marcas reveladoras das grandes questões que norteiam o pensamento de Rosa. Este estudo, num diálogo com a fortuna crítica da obra rosiana e com a tradição platônica - da qual Rosa é profundo admirador - propõe uma leitura de "Reminiscção" interessada no elo que une a malha textual à especificidade do pensamento rosiano, buscando averiguar de que modo tais instâncias interagem, originando sentidos múltiplos e conferindo ao texto seu caráter auto-referencial.

### **POESIA, MITO E SENTIDO DA EXISTÊNCIA : OS FIOS DE ROSA**

*Maria Carolina de Godoy (UNESP)*

A vasta crítica de Guimarães Rosa tem apresentado, desde a publicação de Sagarana, sua força lingüística e poética. A essência de sua linguagem poética somente um universo que ainda mantém relações próximas com a natureza pode oferecê-la. Em outras palavras, apenas o mundo arcaico, atemporal e que se refaz ciclicamente pela natureza é capaz de representar o universo, a alma e a existência humanos em Rosa. Este trabalho pretende refletir sobre o entrelaçamento da poesia e do mito, como fios de Rosa que tramam em sua linguagem o sentido da existência.